

Redacção, Administração e Propriedade CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA — Telf. 5 CETE	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA	Vales de Correio para PAÇO DE SOUSA

AVENÇA



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X * N.º 247 * PREÇO 1500

Um cheque de vinte deles

Foi nos escritórios da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, ao Salitre, Lisboa. O Senhor Engenheiro Quartim Graça abre a porta que diz para os formosíssimos átrio, aonde eram uns 300 empregados reunidos e leu:

«A Direcção da Casa dos Empregados do Organismo a que V. Ex.^a dignamente preside, tem a satisfação de vir junto de V. Ex.^a desempenhar se duma missão de que foi encarregada pelo pessoal da F. N. P. T.

Consiste essa missão, em comunicar a V. Ex.^a o desejo do pessoal que serve a F. N. P. T. de oferecer, dentro do modesto limite das suas possibilidades, uma pequena contribuição para as comemorações XX^o aniversário do organismo que têm a honra de servir. E essa contribuição será a de oferecer o rendimento ilíquido dum dia de trabalho para que, com a importância resultante se possa erguer uma casa do «Património dos Pobres», casa esta que ficará designada como «Casa do Trigo», em homenagem à Direcção da F. N. P. T. e ao cereal que representa o ganha-pão de todos nós, e onde uma lápide lembrará o XX aniversário da F. N. P. T.

Para a realização desta ideia e para aplicação do capital que está representado nas listas que se encontram já de posse dos Serviços de Contabilidade da Federação, vimos solicitar a V. Ex.^a a necessária autorização, bem como, pedir a antecipação da importância subscrita a fim de permitir a sua rápida efectivação.

Mais nos permitimos solicitar a V. Ex.^a o obéquio de transmitir à Obra do Padre Américo a dívida do pessoal da F. N. P. T. cuja contribuição no valor de 18.712\$00, depomos nas mãos de V. Ex.^a.

P.^o Adriano estava ao pé, dois padres da rua. Olho para a multidão, de onde se destaca um empregado com um cheque na mão. Dentro do papel tão pequenino eram actos heroicos de centenas d'homens, a quem fez muita falta o dia de trabalho. Foi um escoamento grato e engrandecido aos olhos de Deus! Eu não tinha nada a dizer diante de uma eloquência esmagadora. Por muito que se dissesse, mais tinham eles dito, oferecendo o rendimento em cheiro de um dia de trabalho! Mas avisei. Comuniquei e no dia seguinte assim o fiz, no altar da nossa capela: coloquei na patena a vida inteira de cada um dos funcionários da Organização: Dirigentes idem, — *Pai Santo, Deus vivo e verdadeiro, aceitai!*

Crentes e descrentes, conforme então lhes disse; por vontade

ou contra; os que estavam ali e os que não vieram; todos. *Pai Santo, aceitar.*

Já escolhemos o sítio para a Casa do Trigo. É na estrada Loures—Bucelas, alto de S. Roque, mesmo à beirinha e aproveitando as ruínas de uma capela.

Fica a dominar; é a Casa do Trigo.

Agora

Como noutra parte dizemos, nós tínhamos ido a Barcelos dar ânimo e receber ânimo dos vicentinos daquela terra. Eramos quatro no Morris. Calhou-nos um Solar, aonde tomamos a refeição do meio dia. Tenho muita pena, sempre que oiço dizer que, por venda ou troca, um solar passou de mão. Este aonde estivemos, é da marca e está na marca. Primeiramente a construção da época, com tudo quanto lhe diz respeito. Depois vem o recheio: as peças de mobília e sua disposição. As porcelanas. As joias de família. As estátuas. As pinturas. Séculos de tradição. Finalmente os seus actuais habitantes e maneira fidalga como recebem. Tenho pena, muita pena quando oiço ou leio a notícia de ter passado de mão tal maravilha. E passam tantos! Nunca mais voltam a ser o que eram, ainda que, de arruinados, sejam reconstruídos. Nunca mais. Porquê? Por causa dos mortos. Saíam os donos e eles não tornam mais a falar!

Muito bem. Ao doce, eu peço ao Avelino que preencha um cheque de doze contos à ordem do Prior de Barcelos.

Despedimo-nos. Demos volta por Esposende, Póvoa, Vila do Conde e Leça. Chegamos a casa à tardinha. Sobre a mesa de trabalho, tinha à minha espera um monte de cartas. A primeira que abro é do Brasil e trazia dentro um cheque de doze contos: *vendi o meu piano por doze contos, que se destinam a uma casa do Património.* Não se trata de um milagre. Não senhor. Não se alteraram as forças da natureza. Ninguém viu manchas no sol. Nada. Então quê? Deus governando suavemente. Eis.

Tudo isto vai e é a procissão d'hoje. Nem mais andores, nem mais anjinhos, nem mais nada.

Final, agora que a procissão ia mesmo, mesmo a recolher, olho e vejo ao longe a Emissora do Aero Clube da Beira com uma casa na mão. Ela foi objecto de muitas palestras escutadas por muitos ouvintes. Não pode ficar à espera quem tão a propósito vem. Por isso, val.



Aqui, LISBOA!

Sempre que começo a crónica dos «maises» como entre nós chamamos à notícia dos donativos, eu tenho a sensação de ir aborrecer terrivelmente os senhores. E no entanto esta crónica é querida pelos leitores e ela é de si mesmo eloquente. Diz quanto nos estima a nação que nos sustenta, e qual a confiança que deposita nesta amorosa «desorganização».

Houvesse cá funcionários, inqueritos, estatística, contabilidade apurada e o povo perguntaria em que era gasto o seu dinheiro. Era nisto, na organização. Aos pobres, depois de muito bem recenseados, diríamos boas palavras... para lhes matar a fome.

Eu vi há dias o maço de papéis que uma obra de assistência tem de preencher mensalmente em troca de 1.500\$00. Pasmei. Mas isso quase exige um empregado que ganhará os 1.500\$00 — disse. E assim seria se um punhado de «carolas» o não suprisse.

Pois em troca dos muitos contos e quinhentos que os senhores nos deram no correr do mês (sem contar o amor com que o fizeram, que é o melhor!) aqui vai o nosso recibo, sem selo fiscal.

As alunas dos liceus femininos continuam animadas. Depois do Porto, Lisboa com uma festa no Liceu Maria Amália que rendeu 3.375\$00 e mais 31\$ de jornais vendidos, fora roupas calçado e mercearia vária. Uma lisboeta bairrista que mandava 100\$ mensais para Paço de Sousa, resolve passar o donativo para o Tojal. Faz muito bem. (Vamos a ver se os tipógrafos de Paço de Sousa deixam passar a minha aprovação.) Cá se rezarão as orações que pede pela conversão dum ateu.

Em resposta ao pedido do Gouveia, uma toalha e sua legenda: «Li, chorei, mandei.» É uma maneira nova de «chegar, ver e vencer»!

Do Montepio uma furgoneta de coisas: tecidos, roupas feitas, livros canecas de alumínio, mantas de malha a aproveitar lá usada, oferta de umas senhoras de idade, remédios, alianças de ouro, toalhas, prendas para os noivos de Paço de Sousa etc, etc. Além disto, dinheiro depositado e uma obra de Columbano para ser vendida pela maior oferta. Têm a palavra os amadores de arte. Discos, do Tojal e remédios trazidos pelos vendedores do fa-

E já agora, também o Amigo senhor J. M. Fernandes, da mesma cidade, enfleira com com outra casa. E acabou.

moso e duas vezes 20\$ para a conferência. (Apesar das notícias serem do Tojal, eu lembro aos senhores a conferência do Lar de Lisboa que dá seus primeiros passos.) 100\$ de «alguém que também quer ajudar os seus irmãos do Gaiato». Seis bolas e outros tantos rings da Casa Leacock. Ninguém nos julgue ricos de bolas porque elas eram feitas de duas semi-esferas coladas e reventam num ai. Restam duas, de tanto que eu as tenho resguardado. Um engenheiro de máquinas, cansado do vazio que em si deixa a maneira banal de passar os ócios, oferece os seus préstimos. Deixou 50\$, partiu satisfeito e eu assim fiquei pela conversa que tivemos. De muitos modos Deus se revela aos homens de boa vontade. Para estes, a Paz — cantaram os Anjos na noite de Natal. Mas esta Paz conquista-se com inquietação. Que Deus continue a inquietá-lo — são os meus votos, Sr. Engenheiro. De uma senhora francesa, uma bola de futebol, duas bicicletas, prendas para o Júlio e António carpinteiro e uma linda carta. Esperamos que seus filhos tenham feito bons exames.

De um Engenheiro. 1.000\$ Empregados do Crédito Predial, 50\$. E agora sou eu mesmo a agradecer a uma «Alentejana» 1.000\$ para as obras da Igreja «afim de que lá possa celebrar a sua primeira missa.» Tan bém esta senhora me pede uma missa por suas intenções e obrigações. Registro com muita alegria esta primeira intenção que me confiou, mas previno que ainda falta muito para poder satisfazê-la.

Visitantes da LOCF de Fátima, deram de portagem 273\$50. Mais visitantes com 20\$ e 100\$ e 50\$ e 120\$.

O fogo pró S. Pedro na importância de 273\$50, trouxe factura liquidada. Mais 3 toalhas de duas amigas e assinantes e outra da Nini, já velha conhecida.

De um pároco de Lisboa 120\$ e do Hospital de S. José, 100\$ para o Património.

E os empregados da Vacuum com 1.265\$ pela 74^a vez e mais 60\$ em selos por intermédio do Sr. Jonet. Por carta, 40\$ e 100\$, ambas de Lisboa.

Para lençóis das casas dos pobres; 500\$ entregues à porta dum Igreja. Roupas e revistas da Buzy Comercial da Beira e mais roupa de visitantes. E de Vila Franca uma cabra ainda novinha que veio espalhar o terror entre as ovelhas e se espera que acabe por aceitar viver em paz.

PATRIMÓNIO DOS POBRES



Crónicas de África

«Primeiro pedimos desculpa de vos virmos incomodar e roubar-lhe o seu tempo. Somos 7 crianças de 9 a 12 anos do lugar e freguesia de Pataias. Ontem fomos visitar aqui uma família muito pobrezinha. A mãe é ceguinha e tem 7 filhos quase todos pequeninos e um ainda de colo. O pai é jornaleiro, e nem sempre trabalha todos os dias da semana por não ter onde trabalhar. A ceguinha anda a pedir esmola de porta em porta. Ontem fomos lá levar as esmolas que entre todos juntamos e vimos a casa pobrezinha, ampla, apenas tem uma esteira de palha a dividir a casa que é uma arribana de uma eira e o sobrado é de feno em cima da terra. Vimos também a desgraça da criança de colo que tinha-lhe passado pela cara uma centopeia ferindo a toda. Ali naquela arribana tudo é miséria e pobreza pois vivem quase como animais. Tem apenas duas camas quase sem roupa, e como se sabe têm de dormir uns com as cabeças para um lado, outros para o outro em monte. Tudo isto nos meteu dó e por isso combinamos todos em ir fazer uma casinha mesmo modesta que seja, como aquelas que o

Sr. P.º Américo tem feito para tantas famílias pobrezinhas e das quais eu tenho ouvido falar em Coimbra. Já contamos esta nossa ideia de fazer a casa para a pobrezinha ao Sr. Prior da nossa freguesia e ele é que nos entusiasmou e nos vai auxiliar muito. Queremos fazer uma casa do Património dos Pobres. Agora vamos pedir esmola de porta em porta e já temos prometido 3 775\$00. Esperamos que dêem pedra, cal, cimento, tijolo, madeira, telha, etc. Se o Sr. P.º Américo nos quiser também ajudar com alguma coisinha agradecemos muito, e esperamos que o Sr. P.º Américo depois cá possa vir assistir à inauguração e ver a casinha. Desculpe-nos estas massadas e abençoe-nos a todos nós que esperamos a sua resposta.

Esqueçamos de lhe dizer também que esta família tem de pagar renda de casa, e ela já não tem para comer quanto mais para pagar a renda. Desejamos da sua saúde para tratar dos pobrezinhos e dos meninos da rua. Quando nós puermos também lhe mandaremos algumas esmolas. Pedimos também para nos mandar o seu jornal. Somos muito agradecidos:

José Alberto Carneira Rino -- 12 anos

António Fernandes da Encarnação Custódio -- 9 anos

António Emídio da Silva Pereira -- 10 anos

Sérgio Coutinho de S. Gil -- 10 anos

Antero Duarte das Neves -- 10 anos

António Eduardo Carneira Rino -- 9 anos

António Marujo Luz -- 11 anos

Pataias (Oeste)

Não me tenho que não dê à estampa esta carta que tinha, assinada por sete Inocentes de Pataias, confirmando, assim, ser a palavra deles, o verdadeiro arauto das aventuras de Deus. Sim, porque estas crianças meteram-se numa aventura e ninguém duvide que elas a não levem ao fim. Não vamos aqui afirmar que a redacção da carta é deles; o mais velho tem apenas 12 anos. Não vamos dizer. Mas a verdade

transluz. A descrição é exacta. O episódio da centopeia impressiona. É aquele a mãe e a ceguinha e tem 7 filhos é a eloquência dos pequeninos aventureiros de Deus. Eles começam. Outros hão-de prosseguir.

Da minha visita a Barcelos, trouxe a certeza de que o Prior e Vicentinos da cidade, vão fazer render o cheque de doze contos que a i deixei licar. Fomos ver os

Nem só os livros ensinam; a prática também nos diz que a superfície do globo ocupada por água é muito mais extensa do que a terra. Esta viagem de S. Tomé à Costa do Ouro, confirma. As horas deslizaram todas sobre o mar. Houve tempo de conversar, tempo de dormir. Merendar. Fui por duas vezes ao bico da proa observar a navegação. O piloto está, sim, mas não põe as mãos no leme. E o avião por sobre as ondas. Mais uns minutos e nós vamos descer; já há muito que vamos a costa. O aeroporto de Acra, fica na orla do mar. Não há obstáculos. Não se vê uma casa. Distância também não. Saídos das ondas pousamos em terra e pronto. O sol era ainda alto. Foi aqui o meu primeiro contacto com negros em ocupações e lugares tomados por brancos em outros sítios de África. Bem vestidos. Escanhoados Negros. A Alfândega. A Saúde. A Emigração. A Polícia. São eles e não é mais ninguém.

Desembarcados e saídos do porto, atravessamos a rua e logo demos no restaurante, que ostenta o nome de Lisboa, tendo sabido que a gerência é de um português. Este e mais anexos, ocupam uma área imensa e formam um todo desmantelado sem arte, nem conforto, nem proporções. Dir-se-ia uma coisa passageira que está ali com o fim de receber passageiros durante as horas de espera. Recordei o grandioso porto de Brazaville, construído, ao que ouvi, pelo próprio governo Francês; o qual, em tudo e por tudo, merece o nome de pomposo! Mas não. Aqui não. Aqui é Acra. Tal como no porto de desembarque, também o serviço do hotel é conduzido por negros. Não vi um branco a dirigir. E mais perguntei por ele, quando o preto que distribuía quartos me quis dar um pouco decente.

O avião partia no dia seguinte e eu, já agora, desejava ver Acra. Ali não era nada; era uma ponta

do continente aonde o mar começa. Falei com o Júlio. Ele concordou. Chamamos um taxi, por sinal um Morris igual ao nosso. Como fosse tudo pretos e eu não andasse afeito, nem me quisesse afazer a meter-me nas mãos deles, perguntei a um passageiro de outros aviões, qual a distância e a taxa dali à cidade e fiz bem, porquanto, o motorista, julgando-me incauto, pediu-me quase o dobro!

Aí vamos nós. O inglês era a nossa linguagem. O rapaz falava quase correctamente e ia explicando à maneira que eu perguntava. Era uma estrada muito larga, bem pavimentada. Numã e noutra margem, disseminadas e por entre arvoredos, eram lindas residências pintadas de branco, aonde moram os ingleses. Não há aglomerados. Não há sequer duas casas juntas. Não sei a que obedece uma tal disposição. O automóvel desliza. Segundo o motorista, esamos perto da cidade indígena. Daí a nada eram as primeiras casas, depois as ruas e agora o centro. Eu nunca vi nada mais impróprio em toda a minha vida! O Motorista não dava fé, porquanto se interessava e queria que nós vissemos tudo. Ao que me pareceu, Acra é testa de um caminho de ferro que diz para o interior. Sem porto nem cais, havia, contudo, alguns vapores de carga ancorados ao largo. Esta, era transportada em botes até ao quebrar das ondas e assim despejada na praia. Regressamos ao chamado hotel. A mesa estava posta e fomos comer. Já assim tinha sido em São Tomé e agora era na mesma, mesa posta para os sete passageiros e outra ao pé, para os tripulantes. Talvez devido ao nome do restaurante, Lisboa, apareceu um prato que cheirava a português, mas o mais, era refinadamente inglês. Nem pão havia! Pão que bastasse para o Júlio e este começa a fazer-me queixa e a torcer o nariz. Eu ouvi e consolei-o com a esperança de chegarmos amanhã a Lisboa. Saímos da mesa e viemos até aquilo a que ali se chama esplanada. Era o lugar e a hora dos grogs. Por entre brancos e brancas e na mesma mesa, quase que do mesmo copo, bebiam pretos e pretas. Confesso que não gostei. Se o apartado da África do Sul é um extremo, aquilo pareceu-me ser outro.

A hospedeira marca e avisa a hora da partida; madrugada do dia seguinte. Tudo estava prevenido para que nos acordassem àquela hora. Dirigi-me aos aposentos e Júlio também. As portas são de rede. Ao pé, dentro de esteiras, estão os pretos que nos hão-de acordar ao cantar do galo. Tomamos um banho de chuva. A hospedeira faz a chamada e confere pela lista. Está tudo. Documentos em ordem. Pilotos no comando. Fecha-se a porta. Os motores roncam. Eu faço as orações da manhã. Vamos almoçar à Libéria.



AS CASAS DE MIRANDELA FALAM POR SI. A NOVA PALAVRA PATRIMÓNIO DOS POBRES, EM VEZ DE NO CUNHAL, AQUI, APARECE GRAVADA NA ROCHA; A DIREITA.



OUTRO ASPECTO DAS CASAS DE MIRANDELA E SEUS FELIZES HABITANTES. SE PARA TRÁS DO MARÃO MANDAM OS QUE LÁ ESTÃO, QUE MANDEM FAZER MAIS DELAS.

terrenos oferecidos; dois são à beira da estrada, um é no interior e qualquer deles dá para casa e seu quintal. Barcelos vai oferecer moradias aos seus pobres. Cada freguesia, cada cidade, todo o mundo! Enquanto não tivermos dado a cada um aquilo que legitimamente lhe pertence, nada temos feito. E tanto assim é que, tendo nós começado este movimento há dois magros anos, o Mundo toma por muito e por bem o que se está fazendo e todos esperam que se faça mais.

Quando há dias, em Lisboa, entrava, humildemente, nas dependências da Junta Autónoma das Estradas, ouvi esta formosa ironia: nós só lhe pedimos que não construa casas no meio das estradas. É a hora em que todos os que podem se levantarem da cama e esfregarem os olhos e comecem a ver como alguns já fazem; nessa hora, digo, podemos encher de casas as curvas e recantos entregues hoje à fazenda, e nelas, produzir hortaliça e pão. Tudo está na mão dos

crístãos. A obra é da Igreja.

Barbacena vai começar outra casa. A primeira ficou por 15 contos e esta segunda, espera o seu pároco, por outros tantos. Quando, há dez anos, começámos obras em grande estilo, o mestre delas costumava ser fraternalmente avisado: Não se fie. Tenha cautela. Olhe que o dinheiro não cai do Céu. Pois cai sim sim senhor. É mesmo de lá que este dinheiro vem. O pároco de Barbacena não se engana, começando desde já outra casa.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A

TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Já acabaram os exames cá na nossa Aldeia. Todos ficaram bem.

Dos 23 que fizeram, 6 ficaram distintos, que foram: Carlitos, Armandito, Fabião, Foz Pombinha e Areusa.

O Foz e o Carlitos, merecem uma referência especial, pois eram da escola da noite.

Agora cada um destes rapazes, tem direito a escolher o emprego, para entrarem na vida.

—Leitor se tens alguma coisa que te não faça falta, lembra-te da nossa conferência. Algumas calças esquisitas, para cobrir os nossos pobres; roupas de cama, e até mesmo uma cama, que o libertará da imunda enxerga de serapilheira. E outras coisas mais que não farão falta e dão ao Pobre mais conforto e alegria de viver!...

—Mais uma vez lembro o pedido que fiz no número passado: selos para a coleção deste croáista. Para os senhores não se enganarem, é só escrever para Daniel Borges da Silva, Casa Gaiato—Paço de Sousa.

—Continuam a chegar pedidos para o *Barredo*, mas agora um pouco devagar. Por isso ainda há tempo para algum amigo que ainda esteja atrasado, adquiri-lo.

—As nossas oficinas de tipografia não têm bastante trabalho. Precisa de mais, e mais variado para nós aprendermos toda a qualidade de serviço, —para quando fomos empregados estarmos habituados.

Por isso, se algum nosso amigo tiver algum trabalhinho... é só mandar executar.

—O Senhor Padre Babo, um dos nossos assinantes mais antigos, gostava de possuir a coleção do Melhor do Mundo (O Gaiato), mas faltam-lhe os números: 1, 9, 10, 86, 127.

Quem levanta o dedo?

—Nós andamos agora muito animados, com o oquei em patins e é por isso que temos andado sempre a chatiar o Pai Américo para nos fazer um rink.

O cascalho já está quase todo partido... mas falta o melhor...

Vamos a ver se esta causa vinga.

—Com a ida do nosso antigo barbeiro para um emprego no Porto, passou a ocupar o seu cargo o Machado, que mostra ter muita habilidade para o serviço.

Ainda não cortá cabelos, mas já tem feito a barba a alguns e bem... a não ser umas arranhadelazinhas...

—A obra das oficinas, já vai bastante adiantada. Por este andamento dentro de pouco tempo teremos as novas oficinas a funcionar e é bom que assim seja, pois estão muito apertadas e dispersas.

Daniel Borges da Silva

DOUTRINA

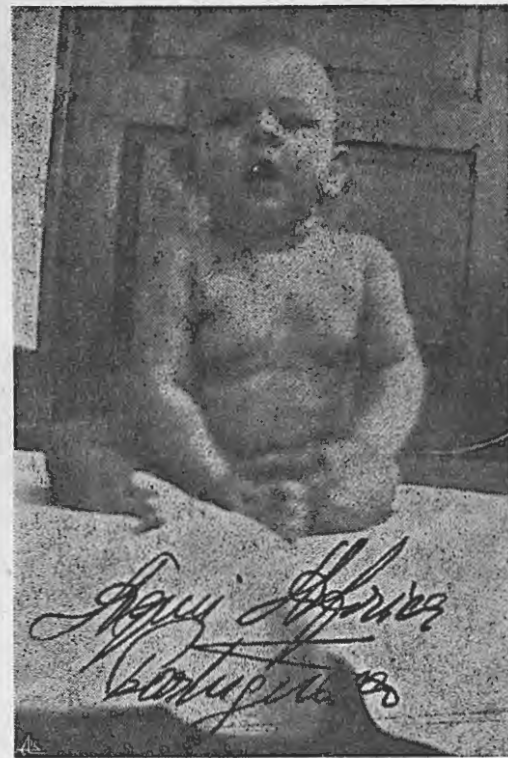
Temos tido a felicidade de colocar, ultimamente, alguns dos nossos Rapazes nas proximidades das terras de onde vieram. É o melhor bem que lhes podemos dar; furtá-los ao ergano das cidades; livrá-los do Mundo, do Diabo e da Carne. Temos alfaiates. Temos sapateiros. Temos pedreiros. Temos tipógrafos. A estes, o Júlio está dando prática geral, para que eles saibam um bocado de cada coisa e assim possam vir a ser úteis em qualquer oficina da Província. Aqui deixamos aos nossos amigos este nosso intento e esperamos que nos dê a mão. Não ataquem, evidentemente; mas que cada um vai disposto a tomar conta e a dar conta, isso é verdade. *Tenha confiança em mim*, é a última palavra dos que saem para o emprego. E nós temos de acreditar. Deus olha para a disposição interior de cada homem, em dado momento. A nossa vida é mesmo uma sucessão contínua de momentos. *Agora começa*, dizem os santos. Sim; temos de acreditar.

NOTÍCIAS DE ÁFRICA

Enquanto não publicamos fotografias e damos o relato de mais trabalhadores prestes a embarcar, vimos hoje a este mirante dizer algo de um que já embarcou. Trata-se do Amadeu Fino, carpinteiro, que está ao serviço da *Brigada de Construção de Casas do Estado*, em Luanda. O Amadeu foi nosso até aos 20 anos. Levou de cá a 4.ª classe, ofício, algum dinheiro e instalou-se na Covilhã, sua terra natal. Daí a pouco escreve a dizer que não lhe chega o salário. Casa-se. Pior! Agora é quase fome. Como eu estivesse com o pé no estribo para Luanda, o ano passado, disse-lhe para se preparar. Desembarcamos nos fins de Julho. Amadeu toma imediatamente conta do seu emprego. Eu adoço. Fiz uma quinzana, convalescendo. Ele também a fez, trabalhando. Ainda na Casa de Saúde, e aí vem o carpinteiro pela porta dentro, sem pedir licença a ninguém. Os olhos faiscavam. Trazia nas mãos notas do Banco de Angola. Conta. Mostra — *olhe as aqui*. Eu estava reclinado em duas grandes almofadas, Júlio ao pé.

Carpinteiro, sem se dirigir a ninguém, desata a passear no quarto e em voz alta, deixa cair palavras ásperas: *na Covilhã não chegava. Aqui sobra*. Nisto faz pausa. Aproxima-se da janela e berro: *Portugal é mas é aqui; Covilhã é África!*

Júlio mais eu escutávamos os azedumes. O exaltado desdobra as notas do Banco, diz as quantias que



dispendeu, quanto lhe sobrou, e remata: *eu não torno mais pr'aquela miséria*.

Passou-se um ano e hoje recebo carta do Amadeu e fotografia do seu primeiro filho. Ele pretende que eu o ajude a construir a sua casa. Que peça terreno ao Governador. Que tem colegas prontos a dar tempo nas suas horas. *Três quartos, casa de banho, uma sala e capoeira*. eis a designação do interessado. Que responderi tu, ó Leitor, se estivesse nas minhas condições; que responderia? Ora é isso mesmo! Estão os entendidos. Amadeu vai ter a sua casa.

Trouxe de Luanda algumas centenas de contos em papel; outros estão ainda a chegar, mas é tudo papel. Nós cá não. Nós, em troca, mandamos esterlino: uma família. Uma família estabelecida, arregaçada. A capoeira. O pequenino quintal com nabçis. O caixilho do milagroso Santo António. O terço à noite. A missa ao domingo. — Esterlino!

Uma família portuguesa a manter a tradição do berço de Portugal e a falar português. Que se rasguem mapas e tratados; que outros ameacem em voltas e revoltas. Que import? Fica a língua mais tradição. É isto mesmo que está proclamando o filho do Amadeu, tendo o pai escrito com a sua letra e punho — *Aqui África Portuguesa*.

Desde os tempos do Brasil que temos assistido a erros de colonização. Agora, na África, também. A inteligência dos homens está sujeita. Uns, com erros por sua conta. Outros, repetem os dos outros e tudo é errar. Porém, neste caso, não. Um indivíduo apto, que se adapta e chama por outro. Uma família que ergue a sua casa, cultiva a sua horta e chama por outra. Valores isolados e silenciosos que produzem e se reproduzem. Eis. Não há o aparato, sim. Mas há firmeza.

A Venda do Jornal

EM SANTO TIRSO

Como de costume, levei 70 jornais para a Trofa e S.º Tirso. Vendi 45 na Trofa e 25 em S.º Tirso. Graças a Deus que estas duas terras estão a mostrar bem o carinho que têm para com a Casa do Gaiato. Uns dizem: nós vamos aqui organizar uma excursão lá a Paço de Sousa e ao qual logo respondem outros que vivem: Realmente, eu gostava de ir ver essa grande Obra.

Estes senhores têm razão em dizer grande Obra, mas ainda podia ser maior se toda a gente quizesse.

Agora andam a falar em casas do Património dos Pobres. O Pai Américo ainda aí não chegou, mas Deus queira que sim porque realmente também se lá vê muita miséria.

Desta vez fui comer a casa de uns senhores que eu ainda não sei o nome. Acabei de comer e fui pedir a bicicleta ao sr. Vlhena que me empresta para ir a S.º Tirso com os jornais. Ele empresta-me com toda a boa vontade e eu hei-de fazer o possível para fazer tudo que puder por este senhor.

Torno a lembrar que os acréscimos têm sido muito poucos.

Aqui nesta crónica deixo os meus agradecimentos ao sr. Orlando de Coimbra, que me mandou alguns selos com a promessa de mandar mais quando puder. Ainda estou à espera de um album. Cá espero alguns selos que alguém me mande e até à próxima.

Manuel Figueiredo

Crónica de bordo

Cheguei ao Luabo. No dia 29 de Junho desembarquei na Beira e nesse mesmo dia segui para Caia, onde pernoitei. No dia seguinte de novo em viagem fui até Marromeu, onde tinha o Teles à minha espera. Quando nos encontramos, demos um daqueles abraços bem apertados, pois já há três anos que não nos víamos. Permaneci dia e meio em Marromeu e no dia 2 de Julho apresentei-me no Luabo, onde tinha o Amadeu Mendes à minha espera. Foi mais outro grande abraço. Depois de conversarmos um pouco sobre novidades da nossa Obra, o Amadeu fez-me apresentar aos que são agora meus colegas de trabalho.

Nesta ocasião em que escrevo

UMA INAUGURAÇÃO

É no próximo dia 6 de Setembro com a presença do Senhor Bispo de Coimbra. A Casa aonde a Obra nasceu, hoje enriquecida com um admirável edifício, onde estão chuveiros no rés do chão, cozinha e refeitório no primeiro andar e dependências das senhoras no segundo. Do que eu mais gosto, é de saber e ter observado, que todo este trabalho foi risco e execução dos P. P. Adriano e Hrácio. Que Beleza! Padres obreiros!

Eu cá não risquei, sim, mas andei...! Eu é que ando sempre...!

ANALFABETISMO

Se fosse possível classificar obras e empreendimentos do actual Governo, a caça aos analfabetos dir-se-ia o principal, de bem feita e bem dirigida. Ocação suave. Meios legítimos. Atinge cada um. Livra a Nação de opróbrios. Veio na hora precisa.

Nós vamos fazendo por aqui o que podemos. Sem falar nas casas de Lisboa e Coimbra, esta de Paço de Sousa ficou este ano com 23 de 4.ª classe, alguns dos quais distintos. O Manuel Costa, fez o curso comercial. Zé Eduardo, o 5.º do Liceu e o Carlos Inácio tem de repeti-lo. Faisca, passou para o 3.º. Irmão do Zé Eduardo, admissão. Zé Lemos, admissão.

Já me encontro ao serviço da melhor Companhia de Moçambique. Assim me disseram muitas pessoas e eu confirmo. Realmente é uma Companhia onde o seu empregado encontra aquilo de que necessita. Isto vale de muito. Aqui, tanto o empregado do escritório como o operário, vive um nível de vida diferente da Metrópole.

Já me encontro ao serviço. Tenho como colegas de «república» o Amadeu Mendes e outro rapaz. Em cada mês fica um de D. Maria. Este é o responsável pela comida. A D. Maria deste mês é o Amadeu Mendes e para o próximo serei eu. Espero apresentar aos meus colegas algumas novidades da Metrópole. Vai ser comer e chorar por mais. Vamos a ver.

Saudades do

CARLOS GONÇALVES

PROPAGAI

«O Gaiato»

ISTO É A CASA DO GAIATO



EU tinha prometido a este último, por ele me haver pedido, uma colocação em África. Andei por lá. Apalpei. O António caíra ali muito bem. Ele tem o dom de comando, é honesto, sabe — tudo qualidades de triunfo. Passando a fronteira, na África Inglesa, seriam duas libras por dia. Ficando em território nosso, com algum capital que eu lhe fornecesse, era um mestre na sua oficina.

No meu regresso, contei lhe

~~~~~  
*Et-los! Esperei dez anos por este dia; foi justamente em 1943, que começamos a edificar nesta terra de Egas Moniz. Esperei dez anos!*

*Quantos trabalhos que só Deus conhece! Que de brancas que só Deus conta! É esta a moeda com que compramos a felicidade dos outros!*  
 ~~~~~

tudo, lealmente. Primeiro ele. Primeiro o seu bem. Nós estamos aqui por causa deles. No entanto, propus. Ele ficaria por mestre das oficinas aqui em casa, com a obrigação de ensinar e formar carpinteiros. Em troca, dava-lhe por doze 500^{m2} de terreno e uma casa. Dei-lhe 8 dias para se determinar. Não é preciso, disse. A sua vontade é a minha. Dentro em breve, nas nossas oficinas, devemos ter vinte rapazes ao banco.

O Júlio Mendes terminou o seu curso comercial com distinção em 1949. Estava eu no Brasil. Aconselhado, então, a procurar emprego, Júlio, procurado na oca-



sião, por Bancos e Firmas, segura-se e diz que não. Não quero ser desleal a fulano (eu). Quando ele regressar dirá. Não é preciso mais nada para classificar um Amigo. Está justificado o lote de 500^{m2} e casa de habitação.

A nossa Obra é única em seu género, por isso escandaliza. Além do mais, apresenta-se e é, de facto, uma Obra Familiar. Dispensa estranhos. Chama à responsabilidade e exige dos Escolhidos. Nunca se viu tal entre nós...!

Dito isto, vamos ao casamento. As horas estavam todos na igreja paroquial. Tudo ali era presença. Primeiramente a de Jesus, o de Caná! Depois as duas Uniões. Padrinhos. E também o tesouro da Obra da Rua. A sua incomensurável riqueza. Aquilo que a recomenda e faz dela uma Obra viva. O quê? Duzentos irmãos do Júlio e António. Só isso? Não. Não senhor. Também pedreiros e carpinteiros e trolhas e pintores e jornaleiros com seu mestre d'obras à frente. Todos quantos actual-

mente trabalham nas obras da Obra da Rua, aos quais se deu o dia, pagando o dia! Nós temos necessidade da cooperação destes trabalhadores. Dos fracos. Dos doentes. De todos quantos olham e esperam de nós. Eles não podiam faltar na primeira grande festa da Comunidade, — e vieram.

Para terminar o humilde relato, vai agora a página de ternura: as prendas de casamento que de norte a sul quiseram mandar aos novos. Não são de dizer as dedicatórias! Não são de descrever as coisas dedicadas! É um mundo de interesse, de beleza, de carinho. É um tomar parte!

Que o Bom Deus acrescenta vida de todos! Aquele acrescentar não deve tomar-se por linguagem dos homens. Deus, muitas vezes, tirando, acrescenta! E este acréscimo que eu peço para todos.

Os dois Escolhidos tomaram conta das suas responsabilidades; o António, das oficinas de carpinteiro e o Júlio da tipografia. Ganham um salário que lhes garan-

te alimento, educação dos filhos e pé de meia. Não é nenhum favor que se lhes faça; é de justiça.

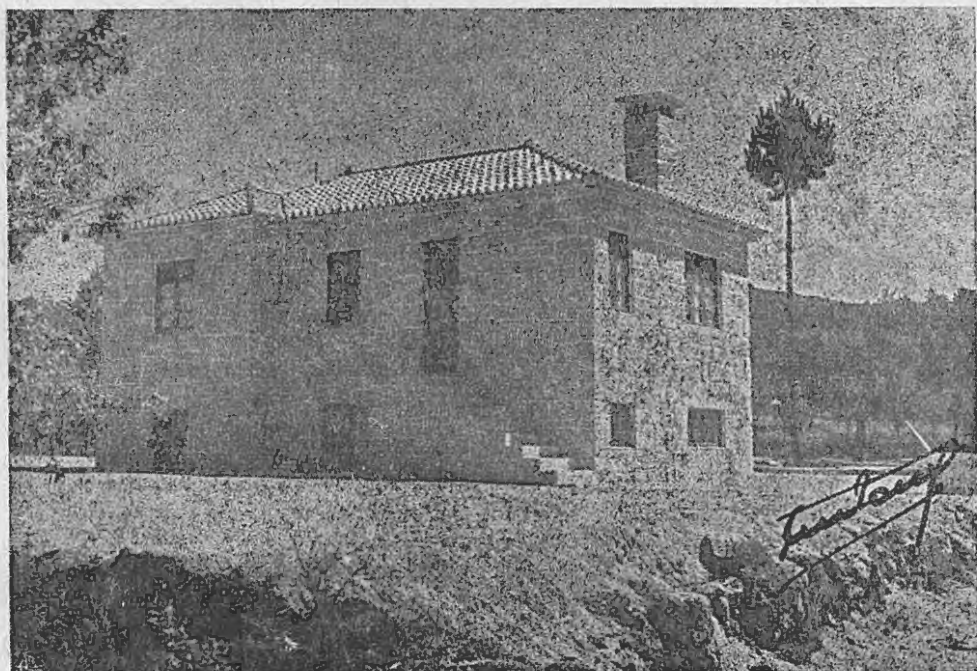
O Júlio, creio que foi ó Canossa, no Porto, mas o António não. O António foi ó Abel, que talhou; os mais ajudaram e todos juntos fizeram o lindo fato de casamento. Ficou que nem uma luva! No final, em comissão, vieram ter comigo, pedindo-me para oferecerem o seu trabalho. Eu disse logo que sim. Ficou que nem duas luvas! Viva o Abel!

Estiveram presentes no altar o P.º Adriano e P.º Horácio e o Engenheiro Galamba, amanhã padre da rua. O primeiro foi quem amarrou os nubentes na estola do celebrante. O segundo, ao micro, explicava. Os nubentes, apresentaram a Matéria do Santo Sacrifício. O Sejaquim, bem como nunca, executava. Vozes de crianças entoavam. O povo não cabia na igreja, por numeroso; nem em

si, de contente: — uma Visão de Caná da Galileia com a Presença Real de Jesus!

O P.º Miguel, abade da freguesia, foi verdadeiramente de excessos, tendo tido o cuidado de arranjar a capela mor do templo e o altar e os paramentos — tudo a tempo e horas.

O dia foi prá romaria; oficinas fechadas e a tropa nas margens do Sousa. Mais regalado, nunca houve cá na aldeia! Só os da venda é que não. Estes, seguiram de manhã para a sua obrigação, com muita pena e eu muito mais. Na segunda-feira, não se esqueceram dos seus direitos. Apenas chegados do Porto e tendo prestado contas, vêm-me pedir folga. Queremos o casamento do Júlio e do António. Percebi. Admirei o espírito de justiça. Deixei-os ir e todo o santo dia, não saíram do Rio Sousa! O Tomar, o Malhado, o Papagaio, o Tino e mais e mais.



Quem casa quer casa. As deles são assim. Em roda, o quintal. Salário que dê para alimentar, vestir, educar filhos e ainda para o pé de meia. Favor? Predilecção? Não senhor. Então quê? Justiça.



A igreja era isto! Os corações estavam cheios! Jamais um plebeu viu tamanha festa em dia do seu noivado. — nunca! As flores empanaam! Os confetos produziram galos e negras. O fotógrafo esteve em riscos e sofreu perdas no vidro da máquina!